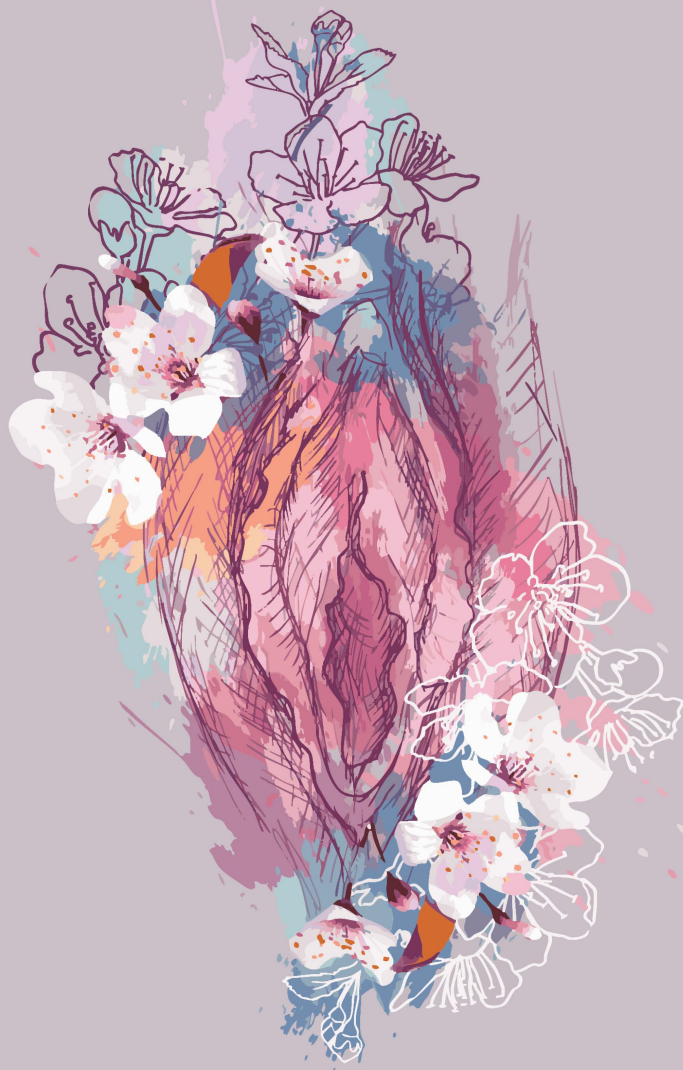


O CORPO QUE DIZ NÃO AO SEXO:

Uma visão psicanalítica do vaginismo

Maria Claudia de Oliveira Lordello



O CORPO QUE DIZ NÃO AO SEXO:
Uma visão psicanalítica do vaginismo



INM Editora

Copyright © 2025 by Maria Claudia de Oliveira Lordello

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Revisão Gramatical e Preparação de Texto: Tatiana Sayumi Seki

Revisão Técnica: Sergio Gomes

Secretaria: Nawana Taranto

Capa e diagramação: Caren Dantas

Imagem: A origem do mundo (*L'Origine du monde*), Gustave Coubert, óleo sobre tela, 46cm x 55cm, 1866 (Disponível em Wikimedia Commons - <https://encurtador.com.br/Og6e7>).

Imagem da Capa: Depositphotos Illustration vulva-image-shape-flower-yo-ni-illustration-female-energy-concept-spring- 466800650

Marketing: Tatiana Sayumi Seki

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

INM Editora

Avenida Paulista, 326

Quarto andar - Sala 41

Bela Vista – São Paulo

CEP: 01310-902

Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora

[...] gozar com o que sucede, participar com gozo daquilo que penetra, que se intromete - ou seja, a ligação íntima entre passividade e interior [...] sejam quais forem os transbordamentos de atividade previamente exibidos durante o ato sexual, todo mundo é passivo diante do gozo, diante do orgasmo arrebatado, nem que seja por um instante, pela pequena morte.

Jacques André

As origens femininas da sexualidade.

Figuras

Imagem 1: Perseus and Adnromeda, Jan Collaert II e Philips Galle, entre 1576 e 1628. Disponível em Wiki Commons <https://sl1nk.com/HpN8R>

Imagem 2: The Virgin and Child with Saint Anne, Leonardo da Vinci, entre 1503 e 1519. Disponível em Wiki Commons <https://sl1nk.com/eze0N>

Imagem 3: Jean-Martin Charcot demonstrating hysteria in a patient at the Salpetriere (Jean-Martin Charcot demonstrando histeria em uma paciente no Hospital Salpetriere), Coleção Iconográfica, P.A.A. Brouillet, 1887. Disponível em <https://l1nq.com/7dKcH>

Imagem 4: Bernini's Ecstasy of St. Teresa (O êxtase de Santa Teresa de Ávila, de Bernini), Capela Cornaro em Santa Maria dela Vittoria, Roma, agosto de 2025. Disponível em Wiki Commons <https://encurtador.com.br/bzYrG>

Imagem 5: Oedipus and the Sphinx (Édipo e a Fênix), Gustave Moreau, 1864. Disponível em Wiki Commons <https://encurtador.com.br/Bb5it>

Imagem 6: O divã e o escritório de Freud no seu museu em Hampstead, Londres, 2024. Disponível em Wiki Commons <https://encurtador.com.br/USJQF>

Imagem 7: L'Origine du monde (A Origem do Mundo), Gustave Courbet, 1866. Disponível em Wiki Commons <https://sl1nk.com/recAI>

SUMÁRIO

9	Prefácio <i>Paula Regina Peron</i>
---	--

13	Introdução
----	-------------------

I. A ciência sexual

20	DSM e as disfunções sexuais
33	Classificação das disfunções sexuais no DSM-V
37	Ciclo de resposta sexual humana
39	Nem <i>Ars Erotica</i> , nem <i>Scientia Sexualis</i>

II. O lugar da sexualidade na psicanálise atual

III. Histeria: Uma história a ser contada

53	Dos gregos a Freud
64	A mulher freudiana: os primeiros casos da psicanálise

IV. O corpo sexual na histeria

80	Teoria da sexualidade infantil
----	--------------------------------

V. Para além de Freud: Indagações contemporâneas

93	O ontem e o hoje
96	Complexo de Édipo: a lógica fálica ainda faz sentido?
106	Complexo de Édipo: um conceito ampliado
112	Complexo de Édipo precoce – Melanie Klein
119	A tentativa de uma conclusão

VI. Vinhetas clínicas

125 Cristina – um corpo que fala

144 Julia - a angústia de invasão

169 Patrícia – o apagamento simbólico da vulva

207 **Algumas considerações finais**

214 **Referências**

Prefácio

A sexualidade humana é um campo de grande complexidade, sob qualquer prisma que se olhe. Muitos saberes investigam as várias dimensões da sexualidade e à psicanálise cabe a dimensão psíquica. Não é exagero dizer que todo o edifício freudiano está construído sobre as bases da homossexualidade, daí a importância do presente livro, que toma-a como central.

A leitora tem em mãos uma preciosa investigação psicanalítica sobre um dos enigmas psicológicos do corpo feminino: o vaginismo. Digo leitora porque presumo que a leitora é uma psicanalista, e em nossa área, nós mulheres somos a maioria (não tive acesso a nenhuma pesquisa, mas empiricamente chego a esta conclusão). Torço também para que este livro chegue às mãos de outras e outros profissionais da saúde, cientistas e representantes de outros saberes. Outras profissionais que trabalham com a sexualidade humana podem se beneficiar desta leitura, uma vez que Maria Claudia de Oliveira Lordello, a partir de sua vasta experiência, mergulhou na teoria psicanalítica e nos brindou com excelentes e claras construções teórico-clínicas. Seria bastante proveitoso também se profissionais homens enfrentassem aquilo que Freud caracterizou como continente negro da psicanálise, a sexualidade feminina, e não mais a tomássemos como misteriosa. Ao menos não mais misteriosa do que toda a sexualidade humana.

Na psicanálise, é costumeiro pensarmos que há uma recusa à feminilidade, representante da lógica da falta na psique infantil. Neste sentido, a construção da feminilidade e a relação com esta dimensão (própria ou no outro) remete à experiência de filiação, à experiência com a mãe (ou representante), ou seja, com algumas versões psíquicas das construções subjetivas infantis. Estas construções necessariamente se dão a partir da realidade anatômica, mas a ultrapassam, formando vasto território de fantasias.

É precisamente aqui que Maria Cláudia não se intimida, e vasculha as profundezas da feminilidade, daquilo que não é facilmente contido em palavras. Para isto, refaz detidamente o percurso freudiano, em especial sobre o corpo homossexual da histérica, para chegar às indagações contemporâneas acerca da mulher na psicanálise. Maria Cláudia lembra-nos que mesmo com todas as mudanças sociais acerca da repressão das mulheres, ainda assim as dificuldades sexuais não deixaram de marcar presença em nossos consultórios psicanalíticos, psicológicos ou psiquiátricos. Para a psiquiatria, o vaginismo recebe o nome de Transtorno de dor gênito-pélvica/penetração, segundo o DSM-5.

Tal extensão de conteúdos aprofundados é apresentada de maneira bastante facilitada à leitora e ao leitor. No primeiro capítulo, sobre a constituição da sexualidade como um campo científico, Maria Cláudia recorre à Foucault (1976), e à sua fundamental obra *História da Sexualidade*, para desenhar os contornos da sexualidade na Modernidade. Deste movimento participam a Igreja Católica e suas práticas de confissão, mas também a Medicina, a Pedagogia, a Psicologia e todo aparato jurídico, regulamentando as condutas sexuais. Exploramos com a autora o importante tratado *Psychopathia Sexualis*, de 1886, de autoria do psiquiatra alemão Krafft-Ebing, e vemos ali os parâmetros biológicos como definidores da normalidade e da psicopatologia dos comportamentos sexuais. A autora também retoma um importante historiador americano contemporâneo, Thomas Laqueur, para apontar o nascimento do chamado modelo dos dois sexos na literatura médica, em oposição ao modelo do sexo único, no qual o corpo feminino era considerado versão inacabada do corpo masculino. A partir do modelo dos dois sexos, desenham-se papéis e restrições ao corpo feminino e será precisamente deste ponto que surge Sigmund Freud e a psicanálise, para compreender e tratar os efeitos psíquicos das restrições e normas de conduta impostas à sexualidade feminina, mas também à sexualidade no geral.

Maria Cláudia apresenta-nos Freud como o ponto inicial da grande mudança de paradigmas de compreensão do campo da sexualidade. A partir dele, surgem no campo da sexologia muitas pesquisas sobre a sexualidade dos homens e mulheres ditos comuns, com especial destaque para os trabalhos estatísticos de Alfred Kinsey, que investigou mais de 11.000 norte-americanos, entre os anos de 1938 e 1953, já captando os efeitos dos movimentos feministas e gays em favor da legitimação dos prazeres opostos ao patriarcado e à heteronormatividade. A autora também detalha as pesquisas sobre a fisiologia da sexualidade conduzidas por Masters e Johnson nos anos 60, outro marco para a sexologia.

Ainda a partir da retomada histórica, conhecemos através do detalhado texto de nossa autora as classificações do manual de padronização dos diagnósticos de saúde mental, nascido em 1952, o DSM, e também as polêmicas geradas a partir de tal homogeneização. Somente no DSM-III, de 1980, as disfunções sexuais são classificadas, sob influência da psicanálise. Com o DSM-V, de 2013, a mais recente classificação, fica explícito o divórcio da parceria psiquiatria e psicanálise quanto ao campo da psicopatologia. Além disso, é redesenhado o diagnóstico psiquiátrico para o anteriormente chamado vaginismo. A autora, no entanto, mantém o termo ao longo do livro, valorizando as dimensões psíquicas e afetivas,

em consonância com a psicanálise, e em oposição a uma nomenclatura que valoriza o aspecto biológico apenas, o DGP.

Para fundamentar as bases psicanalíticas de sua compreensão, Maria Cláudia escreve o capítulo 2 voltado a um exame aprofundado do lugar da sexualidade na psicanálise atual. Neste importante capítulo, a autora enfrenta impasses relevantes. Ela inicia destacando o corpo psicanalítico, entidade teórico-clínica freudiana composta de dimensões erógenas, fantasísticas e pulsionais e fortemente marcado pelas experiências infantis. Estariam estas dimensões enfraquecidas nas leituras psicanalíticas atuais? Segundo a autora, não deveriam estar, dado que, apesar de muitas vezes opaco, o aspecto sexual é sempre central nos conflitos que vivemos e testemunhamos em nossas e nossos pacientes. Além disto, através da psicanálise poderíamos efetivamente explorar e tratar tais dimensões dos sofrimentos que nos chegam.

Enfrentando outros impasses, nossa autora não se mostra ingênua aos problemas do diagnóstico de histeria, com sua carga de preconceitos e misoginia, e busca retrair a sustentação freudiana e as especificidades deste termo em nosso campo, retomando a história da histeria na Medicina. Esta retomada inclui a Antiguidade, a Idade Média, o Renascimento, até chegar à Charcot e Bernheim, importantes médicos franceses, com quem Freud estudou e dialogou em sua construção da figura psicanalítica da histeria. O monumental texto freudiano *Estudos sobre a histeria*, de 1893, é cuidadosamente apresentado, possibilitando à leitora acompanhar os fundamentos do trabalho teórico-clínico inicial de Freud. Tal apresentação permite-nos entender o corpo sexual (ou erógeno, como chamamos) da psicanálise, e em nosso auxílio Maria Cláudia traz, além de Freud, Melanie Klein e muitas dimensões da sexualidade infantil que compõem o corpo erógeno adulto.

No capítulo seguinte a autora explora a pergunta crucial: A histeria ainda existe? O complexo de Édipo ainda existe? Podem nos servir como base de pensamento teórico-clínico? Maria Cláudia responde que sim, e para isto discute a ideia de novas manifestações da mesma organização histérica, e revisita autoras que apresentam acréscimos quanto à feminilidade em Freud, como Karen Horney e Silvia Bleichmar. Ainda assim, evidencia que a temporalidade das subjetividades não necessariamente segue a cronologia usual. São visitados autores contemporâneos que buscam situar uma estrutura edípica cujas figuras não seriam somente pai e mãe e irmãos, mas funções de separação, de alteridade e de desejo que ultrapassam a descrição freudiana. Nossa autora também revisita Melanie Klein e a noção de Édipo precoce, fornecendo densidade teórica para pensarmos as relações arcaicas com a mãe.

Chegamos finalmente às páginas que nós psicanalistas geralmente mais apreciamos - os casos clínicos, que nos fascinam. A autora usa o recurso de vinhetas clínicas e de casos compostos (misturando diversos pacientes e permitindo esconder as identidades), que servem de guia para ilustrar todo o conteúdo teórico-clínico explorado, mas também abrem caminho para mais problematizações e investigações da autora. A autora expõe três casos de mulheres heterossexuais, apresentando-os como histerias. Estes casos evidenciam o predomínio de certas problemáticas, levando a autora a reconhecer três eixos de questões — problemáticas libidinais, problemáticas narcísicas e problemáticas culturais. As problemáticas libidinais dão visibilidade aos conflitos edípicos, com predomínio de recalques e questões da constituição psicosssexual. As narcísicas evidenciam dinâmicas mais primitivas e, por último, as problemáticas culturais falam das influências da cultura sobre a sexualidade feminina e da negação da vulva, no contexto patriarcal.

Convido leitora e leitor às questões de Cristina — e seu corpo que fala, de Júlia e a angústia de invasão, e de Patrícia e o apagamento simbólico da vulva. São páginas carregadas da evidente experiência clínica de Maria Cláudia, que traduz as problemáticas com palavras belas e certeiras. Além disto, sua experiência convoca autoras e autores de peso para adensar ainda mais as considerações sobre as problemáticas psíquicas dessas mulheres. Aprofundamo-nos em Christopher Bollas, Jean Laplanche, Marie Bonaparte, Silvia Alonso, Mario Fuks, Thomas Ogden e D. W. Winnicott, entre outros.

Com todo este arsenal, Maria Cláudia atesta seu grande compromisso com a clínica psicanalítica e demonstra-nos como alinhar teoria e prática, com coerência e solidez, priorizando a construção do pensamento investigativo. Ao final, fornece-nos um resumo muito útil das questões presentes nos casos de vaginismo com os quais trabalhou e, desta forma, contribui para a formação e desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Aproveitem a leitura!

Paula Regina Peron
Psicóloga e Psicanalista Membro do
Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo
Profa. Dra. do Curso de Psicologia da PUC-SP

O CORPO QUE DIZ NÃO AO SEXO:

Uma visão psicanalítica do vaginismo

Maria Claudia de Oliveira Lordello

